Dia 2 — São Saturio, Patrono de Soria

Martirológio Romano

A festa dos santos Anjos da Guarda. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santo Eleutério, soldado e mártir, com outros inumeráveis, em Nicomédia; os quais, falsamente acusados de haver posto fogo ao palácio de Diocleciano, que havia sido queimado por ordem do mesmo cruel Imperador, foram martirizados, uns degolando-os, outros queimando-os e outros submergindo-os no mar. Eleutério, que foi o primeiro, depois de ter sido atormentado atrozmente, como cada vez se mostrasse mais constante, alcançou a coroa do martírio acrisolado no fogo como o ouro refinado.

O martírio de São Leodegário ou Léger, bispo de Autun, no Artois; o qual, tendo padecido muitas injúrias e tormentos por defender a verdade, foi morto por Ebroíno, mordomo do rei Teodorico. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Gerino (ou Gataíno), mártir, igualmente, irmão do mesmo São Leodegário, o qual ali mesmo foi apedrejado. (Veja-se a vida de São Leodegário entre as de hoje.)

Os santos mártires Primo, Cirilo e Secundário, em Antioquia.

São Teófilo, monge, em Constantinopla; o qual, por defender o culto das santas imagens, foi cruelmente açoitado por ordem de Leão Isaúrico; depois, tendo sido desterrado, morreu no Senhor.

Santo Tomás, bispo e confessor, em Hereford, na Inglaterra.

(Santo Tomás Cantelupe era filho mais velho de uma das primeiras famílias da Inglaterra. Aprendeu as ciências sob a direção de um tio seu, bispo de Hereford, graduou-se doutor em Oxford, foi eleito chanceler desta universidade e logo obteve o mesmo cargo no reino. Tinha cinquenta e quatro anos quando se graduou doutor em teologia, ocasião em que o sábio dominicano Kilwardby, então arcebispo de Cantuária, pôs em risco a humildade do Santo, dizendo numa oração pública que o candidato havia vivido sem mácula e que jamais havia perdido a graça do Batismo. Em 1275 foi canonicamente eleito bispo de Hereford e consagrado na catedral de Cantuária, e desde então redobrou seu fervor em tudo aquilo que devia adquirir-lhe a perfeição

necessária para desempenhar dignamente seu alto ministério. No sétimo ano de seu pontificado fez uma viagem a Roma para assuntos importantes da Igreja da Inglaterra e, ao regressar, teve de deter-se em Montefiascone, na Toscana, onde, acometido de sua última enfermidade, deu seu espírito ao Senhor aos sessenta e três anos de sua idade, no de 1282. Seu corpo foi trasladado a Hereford e, à vista dos infinitos milagres que havia obrado, João XXII o colocou no catálogo dos Santos em tal dia como hoje, em que se celebra sua festividade.)

O Calendário de Castela a Nova faz hoje comemoração de São Olegário, bispo, cuja vida se lê entre as do dia 6 de março, conformando-nos com o Martirológio Romano e com o Calendário do principado da Catalunha.

A Festa dos Santos Anjos da Guarda

Não parece haver festa alguma que mais interesse a cada um dos fiéis em particular que a festa do santo Anjo da guarda. A santidade da pessoa, sua excelência, seu valimento com Deus e seu ministério; os importantes serviços que nos faz, os que nos tem feito, os que nos pode fazer; numa palavra, a justiça, a obrigação, o interesse, a Religião, o agradecimento, tudo (diz São Bernardo) exige de todos os fiéis um tributo anual de homenagem, de louvores e de solenidade. Este é o objeto que teve presente a Igreja, governada sempre pelo Espírito Santo e sempre atenta ao bem espiritual de seus filhos, na instituição desta festividade. Celebrava-a já havia muitos séculos, com grande devoção, a santa igreja de Toledo; e é verossímil que dela a recebesse a igreja de Rodez, no Rouergue, pelo zelo e pela devoção do santo bispo Francisco de Estaing, que vivia no tempo de Luís XII e de Francisco I; também se derivou da Espanha aos Países Baixos, cujas igrejas todas consta que a celebravam no dia primeiro de março. Contudo, a devoção aos santos Anjos da guarda era já muito antiga na França, visto que São Luís mandou edificar em sua honra uma capela dentro da catedral de Nossa Senhora de Chartres; e muito antes do décimo sexto século encontram-se altares dedicados aos santos Anjos em Clermont da Auvérnia e em outras partes. Celebrava-se esta festa em Córdova, na Espanha, no dia 10 de março, e no dia 10 de maio na Síria, até que o papa Paulo V a fixou no primeiro dia livre depois da festa de São Miguel, que é o segundo de outubro. O arquiduque Fernando da Áustria, que foi depois imperador, movido de sua particular devoção ao santo Anjo da guarda, suplicou instantemente ao Papa que tornasse geral esta festa em toda a Igreja; e assim o fez Sua Santidade, por satisfazer a tão piedosos desejos, expedindo uma bula para este fim, que acendeu e avivou mais a devoção dos fiéis.

Mas a instituição da festa não foi instituição do culto nem da devoção aos santos Anjos; esta e aquele eram tão antigos como a Igreja mesma. Quando Jesus Cristo ensinou aos fiéis que cada um em particular tinha um Anjo destinado à custódia de sua pessoa, ao mesmo tempo ensinou-lhes também o culto, o respeito, a confiança e o amor que pedia deles o reconhecimento a tão religioso ministério.

Ainda dentro da Sinagoga era já conhecido o culto dos Anjos em geral; mas o do Anjo custódio em particular parece que não nasceu até que nasceu a Igreja; e pelo que dizem os santos Padres conhece-se quão familiar era a todos os fiéis a devoção ao santo Anjo da guarda já desde aqueles primeiros tempos. Se nos quatro ou cinco primeiros séculos não se edificaram templos em reverência dos Anjos da guarda, foi precisamente por não dar ocasião aos gentios para crer que os Cristãos tributavam adoração aos gênios, como os adoravam eles. Mas logo que a Igreja não teve já que temer as calúnias dos pagãos e quando logrou inteira liberdade para instruir os fiéis, a devoção aos Anjos da guarda não ficou encerrada dentro do coração. Em todas as partes se lhes edificaram templos, erigiram-se-lhes altares, solenizaram-se-lhes festas e experimentaram-se cada dia os proveitos desta utilíssima devoção.

Devemos confessar, diz São Jerônimo, que nenhuma coisa contribui tanto para formar um elevado conceito da dignidade de nossa alma como o que Deus fez por ela, e singularmente o haver destinado a cada uma um Anjo custódio desde o mesmo dia de seu nascimento: «Grande é a dignidade das almas, pois cada uma tem, desde o nascimento, um anjo delegado para sua guarda.» Faça-se juízo disto pelo quanto se estimam as coisas pelo cuidado que se tem delas. É verdade que basta o sangue de Jesus Cristo para dar-nos uma justa ideia do que vale nossa alma. Este infinito preço de uma redenção sobreabundante enche de admiração, deixa extáticas e suspensas as celestiais inteligências, de modo que não podem deixar de amar, diz São Bernardo, e até de respeitar aqueles por cujo resgate entregou Deus seu unigênito Filho. Entre todas as obras da Onipotência bem se pode dizer que nenhuma custou tanto a Deus como o homem; pelo que não é de admirar que cuidasse tão particularmente desta sua obra e que destinasse um Anjo para sua custódia.

O Senhor, diz o Profeta, além da providência geral, que se estende a todas as criaturas, entregou-te ao cuidado de seus Anjos, para que te guardassem e te fizessem sempre companhia em todos os teus caminhos. (Sl 90.) Há muitos caminhos escabrosos, sendas árduas e perigosas, diz São Bernardo: tropeça-se neles com muitos maus passos; nascem os perigos, por dizê-lo assim, conosco mesmos: tudo são precipícios, tudo despenhadeiros nesta carreira. Desde o berço nos arma laços o demônio. A quantos perigos está exposto um menino antes que se desenvolva o uso da razão? Não basta toda a ternura de seus pais; é muito curta, é muito limitada toda a vigilância da ama mais cuidadosa para preveni-los todos. Pois que faz o Senhor? Encarrega a um de seus espíritos celestiais que cuide daquele menino desde o primeiro instante de seu nascimento. Este Anjo tutelar, a quem a Igreja chama Anjo custódio, vela perpetuamente em desviar daquela terna criatura tudo o que lhe pode prejudicar e em desvanecer os perniciosos intentos dos espíritos malignos, sempre inclinados a fazer-nos mal. De quantos funestos acidentes somos preservados pela assistência de nossos Anjos naqueles primeiros anos da infância? Eles são, diz Santo Hilário, os que conjuram os malefícios; eles, diz São Bernardo, os que preservam os meninos de mil perigos e os que os detêm em suas quedas.

Sendo tão grandes os benefícios que recebemos dos Anjos da guarda nos diferentes acasos da vida, a quantas obrigações lhes devemos pelos auxílios que nos prestam em tudo o que toca ao negócio da salvação? Conhecendo o Senhor, diz São Gregório de Nissa, a perversa intenção dos espíritos malignos, que quisessem estorvar que nenhum homem ocupasse as cadeiras que eles perderam no céu, e sabendo muito bem nossa ignorância e nossa fraqueza depois do primeiro

pecado, quis dar-nos a cada um de nós um Anjo tutelar, que tornasse inúteis todos os artifícios deste inimigo da salvação: «Do céu pôs Cristo à nossa frente Anjos instrutores, tais que oponham sua força à injúria dos demônios.» (In Matth., 16.) Foram-nos concedidos, diz Santo Hilário, estes Anjos tutelares para que nos guiassem no caminho da salvação: «Estes espíritos foram enviados para a salvação do gênero humano»; porque seria muito dificultoso em nossa humana fraqueza evitar todos os artifícios deste temível inimigo: «Pois nossa fraqueza não resistiria a tantas e tão grandes maldades espirituais, se não nos fossem dados Anjos para nossa guarda.» (In Ps. 134.) Mas os bons Anjos não só tornam inúteis os esforços dos anjos malignos, não só nos livram de mil perigos, mas insensivelmente nos desviam de muitas ocasiões em que, segundo nossa atual constituição, preveem que infalível e funestamente cairíamos.

Aos santos Anjos devemos, depois de Deus (dizem os Padres), a maior parte dos bons pensamentos e tantas salutares reflexões que contribuíram para nossa conversão. Aqueles auxílios imprevistos do céu em acidentes tão perigosos, aqueles milagres da divina Providência tão felizes como não esperados, efeito são, pelo comum, da proteção dos Anjos da guarda. Que amor, que veneração, que agradecimento lhes devemos!

Olha, Moisés, diz-lhe Deus, eu vou enviar um Anjo meu que vá diante de ti, que te sirva de guia no caminho e te conduza à terra que te tenho prometido. (Êx 23.) Respeita-o, ouve sua voz, guarda-te bem de desprezá-lo, isto é (segundo a versão dos Setenta), sê dócil a seus conselhos e faze tudo o que ele te prevenir; porque hás de ter entendido que tudo o que disser e obrar o faz em meu nome. Se deres crédito a suas palavras fazendo o que te mando, serei inimigo de teus inimigos e afligirei os que te afligirem a ti. Meu Anjo caminhará continuamente diante de ti e te fará entrar na terra prometida. Neste ministério do Anjo tutelar dos israelitas cifra-se a instrução, a comissão e a deputação de nossos Anjos da guarda.

Também são figura bem expressa dos ofícios que fazem cada dia conosco os que fez com Tobias o anjo São Rafael. Não houve discípulo mais dócil nem mais agradecido a seu aio que o jovem Tobias: «Pai meu, com que coisa digna poderemos agradecer a este fiel condutor e a este bom amigo tanto como lhe devemos? Que expressão lhe podemos fazer que seja correspondente a tantos benefícios como temos recebido de sua mão? (Tob 12.) Ele me levou e me trouxe de volta são e robusto a tua casa, livrando-me de mil perigos na viagem. O caminho era longo e penoso: podia perder-me a cada passo, e muitas vezes correu perigo minha vida. Se me vejo restituído à casa de meu pai com tanta felicidade, depois de Deus devo-o a este amável condutor; mas não pararam aqui seus benefícios: ele mesmo em pessoa foi receber o dinheiro de Gabelo; ele me conseguiu a mulher com quem me casei; ele lançou dela o demônio, que tanto tempo havia a estava atormentando, cujo lastimoso acidente tinha toda a casa em um contínuo pranto e em um perpétuo luto, enchendo com isto de alegria a seu pobre pai e a sua aflita mãe; ele me livrou a mim daquele formidável peixe que me ia já a tragar; ele te fez ver a ti a luz do céu; e numa palavra, por ele estamos cheios de bens.» Quem não descobre nesta misteriosa minudência e em toda a série desta dulcíssima história os ministérios, os importantes serviços que recebemos de nossos Anjos da guarda por todo o curso de nossa peregrinação nesta vida? Perigos desviados; funestos acasos impedidos; malícia do demônio descoberta e confundida; negócios de importância terminados com felicidade; felizes sucessos nas empresas mais árduas e nos projetos mais espinhosos: esta é, em resumo, uma parte do muito que devemos aos Anjos custódios. Pois que lhe

poderemos dar que seja correspondente a tanto como lhe devemos, aos benefícios de que nos tem cumulado, aos serviços que nos tem feito e aos muitos que devemos esperar nos faça ainda?

Já no-lo ensina São Bernardo quando, tendo admirado a inefável bondade de nosso Deus na designação dos Anjos tutelares, exclama: «Admirável dignação e verdadeiramente grande amor de caridade!» (In Ps. Qui habitat.) Oh caridade! oh excesso de amor! oh bondade verdadeiramente incompreensível! Pois logramos a ventura de estar continuamente sob a tutela daqueles espíritos bem-aventurados, de ter inseparavelmente um deles a nosso lado, de merecê-lo por guia durante o curso de nossa vida. «Quanta reverência, quanta devoção, quanta confiança não deve trazer-te esta palavra!» Que veneração, que respeito, que devoção, que confiança deve inspirar-te esta amável, esta doce verdade! Reverência pela presença: sua presença te deve infundir respeito. Como me atreverei a fazer diante dele o que não me atreveria à presença do homem mais vil do mundo? «Tu não ousarás, estando ele presente, o que não ousarias se eu te visse?» Se a presença dos grandes do mundo contém os mais rústicos e os mais descompostos, que compostura não deve infundir em meu coração e em minha alma a contínua presença daquele a quem o Salvador do mundo declarou maior e mais respeitável que todos os grandes da terra?

Devoção pela benevolência: sua benevolência te deve inspirar devoção, prossegue o mesmo Padre. Quanto cuida de nós nosso bom Anjo? Que ofícios não nos faz? Que serviços não executa conosco neste desterro? Preserva-nos de mil perigos; livra-nos de mil males; solicita-nos todo gênero de bens; apresenta nossas orações ao Senhor; consegue-nos mil benefícios e mil graças; defende-nos de toda sorte de inimigos; leva-nos, por dizê-lo assim, nas palmas das mãos; estorva nossas quedas espirituais e corporais; e quando, apesar de seus desvelos, caímos em pecado, ajuda-nos a levantar; está sempre vendo a Deus e nunca nos perde de vista; cheio de Deus, ocupado em Deus, não está menos ocupado em nós nem menos atento a tudo o que nos toca; observa e guia todos os nossos passos; endireita-nos quando nos descaminhamos; alumia-nos em nossas dúvidas; determina-nos em nossas perplexidades; e depois de nos haver conduzido tão constantemente durante o curso da vida, quanto nos ajuda, quanto nos assiste na hora da morte? «Que lhe poderemos dar digno de tudo isto?» Que reconhecimento lhe devemos por tão prodigioso número de benefícios?

Sua custódia lhe deve inspirar confiança. Todos estes benefícios são certamente a prova mais segura de sua boa vontade; e se a boa vontade, junta com o poder, é o que mais alenta a confiança, quanta devemos ter em nosso santo Anjo da guarda! Houve nunca boa vontade mais descoberta, nem valimento mais eficaz nem mais seguro? Houve bondade nem inclinação a favorecer-nos melhor manifestada? O que até aqui tem feito por nós é o melhor fiador do que está pronto a fazer. Atento a todas as nossas necessidades, expedito para socorrer-nos e encarregado por ofício de governar-nos em tudo, como pode deixar de estimar nossa confiança, nem como pode negar-nos sua proteção sempre que o tenhamos mister? Devemos, pois, a nossos Anjos estas três coisas: honra e respeito, porque estamos em sua presença; amor e devoção, porque nos amam com ternura; recurso e confiança, porque são mais zelosos de nosso bem e de nossa salvação que nós mesmos.

«Amemos afetuosamente os Anjos», exclama São Bernardo. Amemos, pois, ternamente a nossos Anjos da guarda por moradores da pátria celestial, da qual também esperamos ser nós algum dia

co-herdeiros e concidadãos, e por serem aios e tutores nossos, destinados pelo Pai das misericórdias para assistir-nos e para governar-nos. Que podemos temer com tais protetores e com tais guias? Não há que temer nem que nossos inimigos os vençam, nem que seus artifícios os enganem, nem que nos descaminhem por não saber guiar-nos: «Nem podem ser vencidos, nem seduzidos, e muito menos seduzir, os que nos guardam em todos os nossos caminhos.» São nossos amigos fiéis, nossos guias seguros e experimentados, nossos poderosos protetores; que temos, pois, que tremer? «São fiéis, são prudentes, são poderosos: por que tememos?» Nada há que fazer de nossa parte senão ser dóceis a suas inspirações, pontuais em obedecer-lhes, fiéis em servi-los e prontos a seus piedosos toques, impulsos e chamamentos. Seguros podemos viver de que estamos debaixo da proteção de Deus enquanto estamos sob a tutela de nosso Anjo da guarda.

Enfim, acrescenta São Bernardo, sempre que nos combata alguma violenta tentação, sempre que nos achemos em ocasiões perigosas, sempre que nos sucedam molestos acidentes, sempre que se nos ofereçam dúvidas e perplexidades, sempre que esteja turbado o coração e esteja a alma aflita, quando se ofereça algum negócio, alguma viagem em que haja que temer dificuldades, riscos e perigos, invoquemos com fervor e com toda a confiança a nosso Anjo da guarda. Se queremos granjear a benevolência daquelas pessoas de quem temos necessidade, imploremos o favor de seus Anjos da guarda, porque ninguém como eles poderá inclinar seu ânimo a nós. Não há Santo no céu que não tivesse singular devoção aos Anjos da guarda. Cada reino, cada região, cada cidade, diz Santo Tomás, tem seu Anjo tutelar. Nas igrejas onde há Sacramento assiste inumerável multidão destes espíritos celestiais, que continuamente estão fazendo corte a seu soberano Dono, realmente presente na Eucaristia. Oh, e quantos assistem (diz o mesmo Padre) ao santo sacrifício da missa enquanto esta se celebra! Todos eles são dignos de nosso culto, e cada um nos alcançará uma devoção mais respeitosa e mais terna, como lha peçamos. Lembremo-nos, enfim, de que em todas as partes encontramos santos Anjos, prontos a assistir-nos em todas as nossas necessidades: «Eles nos amam como a irmãos», diz Santo Agostinho; em tudo nos ensinam e em tudo nos assistem; e estão como com uma santa impaciência por ver-nos ocupar no céu aquelas cadeiras de que se fizeram indignos os anjos rebeldes. Acudamos, pois, a nosso Anjo da guarda, conclui São Bernardo, em todas as tentações, em todos os perigos, em todas as adversidades, em todos os negócios espinhosos, em todas as nossas dúvidas, em todas as nossas empresas; imploremos sua proteção, peçamos-lhe que nos alumie, que nos aliente, que nos assista, e digamos-lhe em todas as ocasiões em que corremos algum perigo: «Senhor, salva-nos, que perecemos.» «Sempre, pois, que vires urgir gravíssima tentação e iminente tribulação veemente, invoca teu guarda, teu mestre, teu auxiliador nas oportunidades, na tribulação: clama a ele e dize: Senhor, salva-nos, que perecemos.»

A festividade dos Anjos Custódios, que toda a Igreja celebra hoje, celebra-se em algumas dioceses da Espanha no primeiro de março, segundo se adverte no dito dia.

São Saturio, Patrono de Soria

São Saturio, um dos mais célebres eremitas que têm florescido na Espanha, a quem tributa as honras de patrono Soria, nasceu naquela antiga cidade, da ilustre prosápia dos godos, segundo nos

dizem vários escritores da nação. Criaram-no seus pais segundo o espírito da religião católica, da qual eram zelosos professores e, tendo impresso no terno coração do ilustre menino as piedosas máximas do santo Evangelho, ainda que tinha grandes disposições para as ciências, às quais o aplicaram em sua infância, contudo manifestou desde logo sua inclinação à solidão, para atender unicamente ao importante negócio de sua salvação eterna. Morreram os pais de Saturio e, dissolvidos os vínculos da carne e do sangue, que até então impediram a execução de suas nobilíssimas ideias, distribuiu seu avultado patrimônio entre os pobres de Jesus Cristo e retirou-se a uma elevada montanha contígua ao rio Douro, onde elegeu para sua habitação uma gruta, perto da qual lavrou um oratório em honra do arcanjo São Miguel, onde se entregou aos excessos de seu fervor e aos rigores de umas penitências sem limites, sem ter outra ocupação que a de dedicar-se à contemplação das grandezas divinas e das verdades eternas, passando em oração os dias e as noites, não tomando outro alimento que o de raízes amargas ou algumas frutas silvestres, que contribuíam não pouco a aumentar sua mortificação.

O ilustre eremita passou mais de trinta anos naquele tenor de vida mais angélica que humana, sendo o objeto da veneração de toda aquela região, apesar das indústrias de que se valia para ocultar-se da vista dos mortais. Tinha Saturio o costume de pôr-se de joelhos a orar ao romper do dia na porta de sua caverna; e numa das ocasiões em que praticou esta diligência, advertiu no fundo do vale por onde corre o Douro que um jovem andava de uma a outra parte solicitando passar aquele caudaloso rio. Conheceu o perigo a que se expunha o incauto mancebo e, levado de um impulso de compaixão, pôs-se sobre uma pedra e começou a gritar-lhe para que desistisse de seu empenho. Era o jovem Prudêncio, aquele célebre Santo que foi depois bispo de Tarazona, que ia em busca de Saturio, o qual, logo que ouviu sua voz, arrojou-se intrépido sobre as águas e, havendo-as passado a pé enxuto, foi ao cume onde estava o eremita e, prostrando-se a seus pés, pediu-lhe sua bênção. Fez Saturio a mesma diligência, admirado do prodígio que acabava de presenciar; mas vencendo na religiosa altercação o humilde jovem, tomou-o pela mão e, entrando ambos no oratório de São Miguel, deram juntos repetidas graças ao Senhor.

Concluído aquele ato, perguntou Saturio a Prudêncio por seu nome, por sua pátria e pelo motivo que o conduzia àquela solidão; e manifestando-lhe não ser outra a causa que a de seguir em sua companhia o fervor da vida eremítica, a que se achava chamado desde sua infância, rogou-lhe que o admitisse por seu discípulo. Fê-lo Saturio com a maior complacência e, tendo continuado por espaço de sete anos sob o ensino de tão célebre mestre, venerava-o este pelas vantagens excessivas que notava nele sobre os mais anciãos na profissão.

Começou Saturio a adoecer e a debilitar-se sua natureza à força do rigor de sua penitente vida e, conhecendo por luz superior que se aproximava a hora da morte, rogou a Prudêncio que o estendesse sobre o duro chão e lhe cantasse os ofícios funerais; em cujo ato entregou o espírito nas mãos do Criador pelos anos de 568, com notável sentimento de seu amado discípulo, que, em cumprimento da vontade do defunto, deu sepultura a seu venerável cadáver no oratório de São Miguel, gravando sobre a lápide a inscrição seguinte: «Aqui descansa o servo de Deus Saturio, que depois de trinta e seis anos de vida eremítica, esclarecido em milagres, faleceu no Senhor aos setenta e cinco anos de sua idade, no 6.º das nonas de outubro da era 606» (que é o ano de Cristo 568).

São Prudêncio, discípulo de Saturio, ascendeu depois à dignidade de bispo de Tarazona e, querendo manifestar a todos o alto conceito de santidade que sempre teve de seu insigne mestre, elevou suas relíquias do primeiro depósito a lugar mais decente, onde contribuiu com sua autoridade e com seu exemplo a que se tributasse ao Santo o culto e a veneração devida, a qual se aumentou em todos os povos da comarca, em virtude dos repetidos milagres que se dignou o Senhor obrar pela intercessão de seu servo, cujo corpo se trasladou depois à igreja de Soria, que o reconhece por seu patrono. (Veja-se a vida de São Prudêncio, bispo de Tarazona, entre as do dia 28 de abril.)

O Beato Berenguer, Confessor

Ainda que os escritores modernos dominicanos se queixam altamente da negligência dos antigos, por haverem privado a posteridade das importantes notícias da vida do beato Berenguer de Peralta, decoroso ornamento de sua Ordem, contudo, pelo que têm podido adquirir os que se interessaram no descobrimento de suas atas, sabemos que nasceu em Monzón, povo do reino de Aragão, confinante com o principado da Catalunha, e que, quando contava quinze anos, foi provido em um dos canonicatos da igreja de Lérida; do que se infere os relevantes merecimentos do Beato numa idade em que de ordinário pensam os jovens em diversões e passatempos. Distinguiu-se desde logo Berenguer no novo estado pela regulada circunspecção de seus costumes e por sua singular piedade; mas como seus desejos não eram outros que retirar-se do mundo para atender unicamente ao importante negócio de sua salvação eterna, abraçou a Ordem querúbica no convento que pouco antes haviam fundado em Lérida os filhos do patriarca Santo Domingos, florescente por isso mesmo no primitivo fervor da observância regular. Não nos consta os progressos que fez Berenguer no claustro; mas a grande reputação que teve é um testemunho autêntico da santidade de sua vida. Vagou a cátedra episcopal de Lérida por morte de D. Guilherme Barberán, e como o Senhor queria acreditar o mérito de seu servo para aquela dignidade, ainda que se achava somente na ordem de subdiácono, demonstrou-o assim por um dos extraordinários portentos de sua adorável providência.

Juntaram-se os cônegos de Lérida, a quem correspondia por então a eleição de prelado, para nomear sucessor do defunto; e não se conformando os votos nos muitos congressos que tiveram, decidiu o céu a contenda, fazendo que aparecesse um Anjo que impôs a mitra a Berenguer; cujo fato prodigioso o acredita a pintura que hoje se vê sobre o sepulcro do servo de Deus, crido por uma tradição constante.

Não puderam resistir os cônegos à significação do céu, e mais constando-lhes as eminentes virtudes de Berenguer; mas como este se achava tão distante de apetecer honoríficos empregos, conhecendo por uma parte que na promoção se lhe privava dos consolos superiores de que gozava em seu amado retiro e por outra a responsabilidade do ministério episcopal, quis antes perder a vida que impor sobre seus ombros uma carga tão pesada, temível pelos homens mais eminentes que têm florescido na Igreja. Rogou a Deus com fervorosas orações que se dignasse exonerar de aquele insuportável peso seus débeis ombros; e ouvindo o Senhor com agrado as súplicas de seu humildíssimo servo, antes que se consagrasse, levou-o a gozar de sua visão beatífica no dia 2 de

outubro do ano de 1226, reinando na Catalunha, Aragão, Valência e Maiorca o rei D. Jaime, primeiro deste nome.

Veneraram os fiéis o Beato desde seu falecimento, tributando-lhe o culto devido a sua eminente santidade, a qual quis o Senhor manifestar com repetidos milagres, memorável entre eles o seguinte: determinou um bispo de Lérida abrir o sepulcro do servo de Deus, ou bem para ver suas relíquias, como opinam uns, ou bem para trasladá-las a lugar mais decente, segundo sentem outros; mas impediu a operação uma abundante cópia de sangue, que se deixou ver no frontispício do mesmo sepulcro, no qual até agora se advertem várias gotas do mesmo sangue; cujo prodígio serviu para aumentar desde então a devoção de Lérida, onde tem um altar dedicado a seu nome, e é constante seu culto imemorial.

São Leodegário, Bispo e Mártir, e São Gerino, Mártir, Irmãos

São Leodegário foi do sangue real da França; pelo que, faltando seus nobilíssimos pais, deixaram-no em poder do rei Clóvis, o qual o recebeu como se fosse filho seu e o entregou ao bispo de Poitiers, tio seu, para que lhe ensinasse todas as artes e boas letras, em que saiu tão destro e douto como virtuoso, que era o que mais estimava o santo bispo Didon, seu tio; pelo que o ordenou sacerdote e deu-lhe a dignidade de arcediago de sua igreja, desejando que lhe sucedesse no bispado, por ver quanto o mereciam suas virtudes e letras, e sobretudo a pureza da castidade, em que competia e emulava os mesmos Anjos: enfim, sendo tão grande sua nobreza, era muito maior sua virtude, com que obrigava a pôr nele os olhos para altas dignidades. Tendo perdido seu abade o mosteiro de São Maixêncio, na diocese de Poitiers, obrigou o tio a Leodegário a tomar a seu cargo o governo daquela grande abadia, que teve com efeito seis anos com grande reputação de prudência e santidade. Morreu Clóvis e sucedeu-lhe no reino seu filho Clotário III, no ano de 656, o qual, reconhecendo ser muito menino, por conselho e rogos de sua mãe Santa Batilde e de muitos príncipes e bispos, trouxe a seu palácio Leodegário para que com sua discrição, virtude e prudência grande governasse todo o reino. Aqui sobressaíam tanto suas virtudes que o Rei, não contente de lhe ter dado tanta honra, nomeou-o bispo de Autun no ano de 659. Aos dez anos de seu bispado morreu o rei Clotário III, e o santo bispo Leodegário, por vontade de Deus e parecer de todos os príncipes que o assistiam, deu o reino a Childerico, irmão de Clotário. Mas como em semelhantes casos nem todos conseguem seu gosto, Ebroíno ficou desgostoso; e procurou que reinasse Teodorico, irmão também do rei Childerico; porque havia conservado este só amigo no tempo em que havia sido mordomo-mor da casa do rei Clotário, tendo-se feito a todos odioso por sua soberba vã.

Bem claro se vê que Ebroíno não olhava a conveniência do reino, mas a sua própria; mas pelo mesmo caso seu parecer foi desprezado de todos; e assim ele, considerando quão abatido havia de ver-se tendo-se feito odioso a todos, e ao mesmo Rei que não havia querido admitir, foi-se ao mosteiro de Luxeuil e ali se ocultou em hábito monacal. O Rei, para evitar distúrbios, pôs seu irmão

Teodorico em custódia decente e segura; e São Leodegário era único senhor do Rei e do reino, com o que gozava de tanta paz toda a França que bem se conhecia que obrava a mão poderosa de Deus por meio de seu servo Leodegário. Não dormia a serpente do abismo, invejosa sempre; e assim, passado um ano de tanta paz e quietude, começou a semear zizânia. O Rei, que era jovem e de temperamento acre, abandonou-se por fim aos deleites e casou-se com uma prima-irmã sua. São Leodegário advertiu-o primeiro em segredo e logo, vendo inúteis seus esforços, atreveu-se a repreendê-lo em público. Assim que em breve tempo todo o amor que o Rei tinha ao santíssimo bispo Leodegário, incitado por alguns cortesãos, converteu-se em ódio mortal, de sorte que tudo era maquinar traças para dar-lhe a morte. Bem soube Leodegário quem lhe faziam o mal; mas tendo aprendido de seu mestre Jesus a fazer bem a seus inimigos e volver bem por mal, convidou-os a todos, e ao mesmo Rei com eles, para que o dia santo da Páscoa o celebrassem com ele em sua cidade Eduense, que era onde tinha sua cadeira pontifical. Admitiu o Rei o convite e veio com todos os traidores inimigos do santo Bispo, a quem deram aviso de como o Rei tinha disposto dar-lhe uma morte cruel aquela noite.

Não se turbou por isto o ânimo de Leodegário, antes com muita paz e sossego admitiu o Rei, celebrou sua missa e deu-lhe a Comunhão, como Cristo fez a Judas. Mas acabados os ofícios, sabendo que a ira do poderoso mal informado vence-se melhor com a ausência que com súplicas nem rogos, foi-se ao mosteiro mesmo onde estava Ebroíno e ali o servia a ele e a todos os monges com rara humildade e alegria de ânimo. A poucos dias morreu o rei Childerico em paga de sua depravada intenção, e os eduenses, vendo que reinava Teodorico, seu irmão, foram todos ao mosteiro por seu santo Bispo, pedindo-lhe com muitas lágrimas que não os desamparasse se queria que não se perdessem; a cujos rogos se juntou o mandar-lhe o abade que voltasse a governar e dar pasto a suas ovelhas, com o que houve de obedecer, e foi recebido em sua cidade com toda honra e universal mostra de alegria e regozijo. Ebroíno, que soube que reinava Teodorico, apostatou ao instante, deixando o santo hábito que indignamente vestia, e foi-se à corte. Recebeu-o o Rei com todo carinho e deu-lhe os maiores cargos de sua coroa, e sobretudo sua privança. Soberbo com ela Ebroíno, todo seu anelo era não cuidar da paz e quietude do reino, mas somente de tirar a vida ao santo Bispo. O primeiro que fez foi enviar soldados que o prendessem. Estava pregando a seu povo e, conhecendo que queriam defendê-lo, pediu-lhes que não fizessem tal; e assim, em seu hábito pontifical, acompanhado de infinitas lágrimas dos seus, saiu a receber os soldados, os quais o prenderam com furor e raiva e, se não lhe tiraram a vida, foi porque não tinham ordem para isso; mas arrancaram-lhe os olhos, parecendo-lhes que nisto lisonjeavam o traidor e apóstata Ebroíno, e assim cego o deixaram preso numa abadia.

Passados dois anos, Ebroíno fez que lhe trouxessem a palácio o santo bispo Leodegário e seu irmão Gerino, a quem com outros muitos tinha desterrado e preso; e como quisesse zombar deles em presença do Rei, os dois gloriosos santos irmãos responderam a suas bárbaras e indecentes perguntas com grande modéstia e humildade, do que enfurecido o traidor apóstata, mandou que a Gerino o apedrejassem, o que se executou, e morreu mártir glorioso como outro Santo Estêvão, pedindo perdão por seus inimigos; e que a seu irmão Leodegário o trouxessem todo o dia descalço, fazendo-o passar sem parar por um rio que corria sobre umas agudíssimas pedras, para que fosse cruelmente ferido e atormentado. Os verdugos executaram a rigorosa sentença, e o invicto Mártir de Jesus Cristo passeava e louvava a Deus em tão grande tormento, do que avisaram Ebroíno, e furioso fez-lhe arrancar a língua e cortar os lábios, e logo o mandou pôr em custódia para discorrer

novos gêneros de rigores com que atormentá-lo. Mas o bendito Santo nem por isso perdeu o falar, antes falava e pregava ao povo sem língua tão bem e melhor que quando a tinha, e profetizou o que havia de suceder no reino e como e quando morreria o traidor Ebroíno e outros muitos, o que tudo se cumpriu da maneira que o santo Mártir o disse; porque, tendo o Rei com seu amigo Ebroíno feito um concílio, nele sucedeu que um daqueles que se haviam atrevido a pôr suas sacrílegas mãos no santo bispo Leodegário foi desterrado dali e a poucos dias degolado; outro, a quem Ebroíno, agradecido por isso mesmo, havia dado o bispado do glorioso Santo, convencido de um grave delito e açoitado publicamente, enforcou-se.

Logo foi mandado trazer Leodegário e, para que não comparecesse entre os bispos do concílio, foi mandado deter fora; mas estando fora dele perguntaram-lhe algumas coisas, às quais respondeu fielmente; e assim mesmo disse quando e como haviam de morrer os dois, isto é, Ebroíno e ele mesmo. Ebroíno então, vendo que Leodegário havia profetizado publicamente seu martírio glorioso e a desastrada morte dele com sua condenação eterna, furioso saiu do concílio e mandou a um soldado que tivesse em custódia o Mártir glorioso. O soldado levou-o a sua casa, e o santo Bispo, padecendo grande sede, pediu um pouco de água a um da rua, o qual lha deu; e ao instante baixou do céu uma imensa luz que, a modo de coroa, rodeou a cabeça do Santo, à vista da qual se converteu o que lhe dava de beber, sua família toda e outros muitos da rua que viram a luz e ouviram pregar o Santo. Levaram esta nova a Ebroíno infinitos que viram baixar a luz do céu e coroar sua cabeça; mas o infiel apóstata, raivoso de inveja, enviou quatro verdugos que o degolassem ao instante, dos quais três se converteram à fé de Jesus Cristo ouvindo pregar o Santo e lhe pediram perdão, e o quarto, dizendo-lhe mil opróbrios, o degolou; e vendo o santo corpo imóvel depois de lhe haver cortado a cabeça, deu-lhe um pontapé e o lançou em terra; mas ao instante pagou o desacato, porque se apoderou dele o demônio e, furioso, o arrojou ao fogo, onde acabou sua vida miserável raivando e abrasado.

Dois anos haviam passado do martírio do gloriosíssimo Leodegário e por sua intercessão Nosso Senhor fazia infinitos milagres, cuja notícia chegou aos ouvidos do apóstata Ebroíno; o qual, atormentado de inveja de ouvir publicar tantas glórias de seu inimigo, enviou um soldado aonde o corpo glorioso havia sido sepultado para que se informasse da verdade: chegou arrogante e soberbo o soldado e, dando com o pé na tumba, disse: «Morra quem disser e crer que um morto pode fazer milagres.» Oh maravilha de Deus sempre grande! Ao instante aquele mau homem foi arrebatado do demônio e morreu ali mesmo de repente e desditosamente; com o que, com o mesmo que quis (por lisonjear a seu senhor) vituperar o santo Bispo e glorioso Mártir, com isso mesmo, à vista de tanto prodígio, o exaltou e glorificou mais. A nova de tão estupendo caso chegou ao instante aos ouvidos do apóstata Ebroíno e, raivando de inveja quando solicitava obscurecer a glória de tão grande Santo, morreu ao golpe de uma espada no mesmo dia e da mesma sorte que o havia profetizado o bendito mártir Leodegário. Assim se cumpriram as profecias do gloriosíssimo Bispo, e assim vingou Deus sua gloriosa morte, a qual foi aos dois dias do mês de outubro, pelos anos do Senhor de 685. Depois seu corpo glorioso foi trasladado ao lugar e mosteiro de São Maixêncio, onde havia sido abade, fazendo tantos e tão inumeráveis milagres pelo caminho e depois em seu glorioso sepulcro que ninguém chegou com moléstia ou enfermidade alguma que não voltasse são e bom a sua casa.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo Anjo da guarda, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui ineffabili providentia sanctos Angelos tuos ad nostram custodiam mittere dignaris: largire supplicibus tuis, et eorum semper protectione defendi, et æterna societate gaudere. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que com inefável providência vos dignastes enviar vossos santos Anjos para que nos guardem, concedei a nossos humildes rogos que, depois de defendidos por sua contínua proteção na terra, sejamos por toda a eternidade companheiros seus na glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 23 do Êxodo.

Êxodo 23,20-23

> **Latim:** 20 Ecce ego mittam angelum meum, qui præcedat te, et custodiat in via, et introducat in locum quem paravi. 21 Observa eum, et audi vocem ejus, nec contemnendum putes : quia non dimittet cum peccaveris, et est nomen meum in illo. 22 Quod si audieris vocem ejus, et feceris omnia quæ loquor, inimicus ero inimicis tuis, et affligam affligentes te. 23 Præcedetque te angelus meus, et introducet te ad Amorrhæum, et Hethæum, et Pherezæum, Chananæumque, et Hevæum, et Jebusæum, quos ego conteram.

Português: 20 Eis-ahi enviarei eu o meu Anjo, que vá adiante de ti, e te guarde pelo caminho, e te introduza no lugar, que eu te tenho preparado. 21 Respeita-o, e ouve a sua voz, e vê não o desprezes: porque te nã perdorá quando peccares, e elle falla em meu Nome. 22 Se tu ouvires a sua voz, e fizeres tudo o que eu te digo, eu serei inimigo dos teus inimigos, e affligire os que te affligem. 23 O meu Anjo caminhará adiante de ti; e elle te introduzirá na terra dos Amorrheos, dos Hetheos, dos Ferezeos, dos Cananeos, dos Heveos e dos Jebuseos, os quaes eu destruirei.

Reflexões

Eu te enviarei meu Anjo, que vá diante de ti, que te guarde no caminho e te introduza na terra que te tenho preparada. O cuidado que tem Deus de nós é uma prova muito clara de sua bondade e de sua infinita misericórdia. Mas poder-se-á imaginar ingratidão mais torpe nem mais escandalosa; poderá dar-se prova mais evidente de um perverso coração que não fazer reflexão sobre estes paternais desvelos, sobre esta eficaz atenção, sobre esta solicitude de carinhosa Mãe que continuamente tem Deus de nós? Não contente com velar continuamente em nossos interesses, assinala-nos um governador, um preceptor, um guia: e não como quer que seja, mas de sua mesma corte, do meio de seus mais insignes favorecidos vai escolher e extrair este sábio condutor e aio de seus filhos. Sempre encarrega este cuidado a um de seus mais nobres e mais estimados cortesãos, a um daqueles príncipes da corte celestial que assistem por ofício diante de seu trono. Oh, e que amável é esta divina Providência! Mas e como a agradecemos nós, sendo assim que nos prezamos de tão agradecidos aos menores serviços que nos façam nossos amigos? Se estivesse em nossa eleição escolher um guia que nos conduzisse pelo escabroso, pelo espinhoso caminho desta vida, ter-nos-ia passado pela imaginação escolher um Anjo para um ministério tão importante, mas ao mesmo tempo tão inferior à elevada dignidade daqueles ministros do Altíssimo? Mas o que nós não nos atreveríamos a pedir, o que não ousaríamos sequer imaginar sem temeridade e sem certa espécie de extravagância, isso é o que Deus nos concedeu. Apenas nascemos neste mundo, tem cada um de nós um Anjo encarregado de governar-nos, que cuida de desviar de nós tudo o que nos pode prejudicar naquela idade em que somos incapazes de ajudar-nos, em que, ainda envolta a razão, não se pode desenvolver para prevenir por si mesma tantos perigos, tantos tropeços e tantos laços. Não há menos que temer no restante da vida; mas nosso fiel guia, que tudo prevê e é tão poderoso como desembaraçado, não nos abandona um momento. E qual é nossa correspondência a tão assinalado benefício, já seja a respeito de Deus, já a respeito dos santos Anjos? Quantos passam a vida sem haver feito a menor expressão de agradecimento a seu fidelíssimo guia? Sendo-lhe devedores de infinitos benefícios, quantos morrem sem haver honrado, amado e dado graças ao Anjo de sua guarda? Oh escandalosa ingratidão! oh torpe esquecimento! que deve revolver e alvoroçar um coração verdadeiramente cristão.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 18 de São Mateus (o impresso traz «xvi1»).

Mateus 18,1-10

> **Latim:** [1] In illa hora accesserunt discipuli ad Jesum, dicentes : Quis, putas, major est in regno cælorum ? [2] Et advocans Jesus parvulum, statuit eum in medio eorum, [3] et dixit : Amen dico vobis, nisi conversi fueritis, et efficiamini sicut

> parvuli, non intrabitis in regnum cælorum. [4] Quicumque ergo humiliaverit se sicut parvulus iste, hic est major in regno cælorum. [5] Et qui susceperit unum parvulum talem in nomine meo, me suscipit : [6] qui autem scandalizaverit unum de pusillis istis, qui in me credunt, expedit ei ut suspendatur mola asinaria in collo ejus, et demergatur in profundum maris. [7] Væ mundo a scandalis ! Necesse est enim ut veniant scandala : verumtamen væ homini illi, per quem scandalum venit. [8] Si autem manus tua, vel pes tuus scandalizat te, abscide eum, et projice abs te : bonum tibi est ad vitam ingredi debilem, vel claudum, quam duas manus vel duos pedes habentem mitti in ignem æternum. [9] Et si oculus tuus scandalizat te, erue eum, et projice abs te : bonum tibi est cum uno oculo in vitam intrare, quam duos oculos habentem mitti in gehennam ignis. [10] Videte ne contemnatis unum ex his pusillis : dico enim vobis, quia angeli eorum in cælis semper vident faciem Patris mei, qui in cælis est.

Português: [1] NAQUELLA hora chegárao-se a Jesus os seus discípulos, dizendo: Quem julgas tu que he maior no reino dos ceos? [2] E chamando Jesus a hum menino, o poz no meio d'elles, [3] e disse: Na verdade vos digo, que se vos não converterdes, e vos não fizerdes como meninos, não haveréis de entrar no reino dos ceos. [4] Todo aquelle pois, que se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos ceos. [5] E o que receber em meu nome hum menino, tal como este, a mim he que recebe. [6] O que escandalizar porém a hum d'estes pequeninos, que crem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço huma mó de atafona, e que o lançassem no fundo do mar. [7] Ai do mundo por causa dos escandalos. Porque he necessario que succedão escandalos: mas ai d'aquelle homem, por quem vem o escandalo. [8] Ora se a tua mão, ou o teu pé te escandaliza: corta-o, e lança-o fóra de ti: melhor te he entrar na vida manco, ou aleijado, do que tendo duas mãos, ou dous pés, ser lançado no fogo eterno. [9] E se o teu olho te escandaliza, tira-o, e lança-o fóra de ti: melhor te he entrar na vida com hum só olho, do que tendo dous, ser lançado no fogo do inferno. [10] Vede não desprezeis algum d'estes pequeninos: porque eu vos declaro, que os seus anjos nos ceos incessantemente estão vendo a face de meu Pai, que está nos ceos.

Meditação

Da devoção ao santo Anjo da guarda

Primeiro ponto

Considera que, depois da devoção a Jesus Cristo, nosso Salvador e nosso Deus, e à santíssima Virgem, nossa boa Mãe, nossa devoção, nossa veneração e nossa confiança se deve dirigir ao santo Anjo de nossa guarda. Ele é um daqueles espíritos bem-aventurados que compõem a corte do Altíssimo; ele é um dos príncipes da celestial Jerusalém, dispensador da graça do Todo-poderoso, com quem tem grande valimento, particularmente quando se interessa na salvação

daquela pessoa que se fiou a seu cuidado e de quem é Anjo tutelar. Desde o mesmo instante de nosso nascimento confiou-nos Deus a esta celestial inteligência, a este seu favorecido e a este espírito bem-aventurado. Com que respeito devemos estar em sua presença! Que ternura, que agradecimento lhe devemos professar, sendo um guia, um fiel companheiro que nem por um só momento se aparta de nosso lado! Com que docilidade devemos obedecer a suas inspirações e escutar seus segredos, seus salutares conselhos! Quanta confiança devemos ter nele! A majestade dos Reis imprime tanto respeito que sua só presença contém a todos em seu dever. O menor do reino dos céus, diz o Salvador, é maior que o maior da terra. O inferior de todos os Anjos do céu é superior a todos os monarcas da terra. Com que circunspecção devemos estar à vista dele! Ah, quantos e quantos talvez não pensaram nunca que estavam à vista de seu santo Anjo! Perpetuamente está junto a mim aquele espírito tão nobre e tão puro; testemunha é de todas as minhas ações: não dou um só passo sem que ele me siga; e passar-se-ão semanas, meses e talvez também anos sem pensar sequer que tenho a meu lado a meu santo Anjo! Não há descuido mais ímpio; não há esquecimento mais torpe. Um amigo deste caráter, um protetor desta santidade, desta excelência; e eu sem fazer mais caso de tão respeitável companhia que se jamais estivesse junto a mim. Meu Deus, quanta dor nos causará algum dia esta falta de respeito!

Segundo ponto

Considera quanto nos empenham em um vivo e contínuo reconhecimento os importantes serviços que sem cessar nos está fazendo o santo Anjo de nossa guarda. Que cuidado tem de nós! Que bons ofícios não nos presta desde o mesmo ponto em que nascemos! De quantos perigos nos defende na infância! De quantos nos tira na juventude! Quantos importantíssimos obséquios lhe devemos em todo o curso da vida! E quanto nos poderá ajudar na hora da morte! Algum dia saberemos o que devemos a nosso Anjo da guarda; mas que sentimento, que dor não haver advertido quão obrigados lhe estávamos, senão quando já não podemos dar-lhe nem o menor sinal de nosso agradecimento! Quanta será nossa amargura quando, apresentando-nos ante o tribunal de Deus, ao sair desta miserável vida, vejamos a nosso lado aquele bem-aventurado espírito, aquele Anjo tutelar que não nos abandonou nem um só momento, cujos salutares avisos desprezamos, a quem tantas vezes contristamos com nossos voluntários descaminhos e cuja presença nunca nos mereceu o menor respeito! Quanto será o furor, quanta a raiva, quanta a desesperação dos infelizes condenados quando se virem precisados a separar-se de seus santos Anjos da guarda por toda a eternidade! Previnamos ao menos estes cruéis, mas já inúteis remorsos, e reparemos a passada ingratidão com um reconhecimento contínuo. Pois dia e noite está conosco o Anjo da guarda, não o percamos de vista. Devemos professar uma pontual obediência a todas as suas ordens, uma perfeita docilidade a todos os seus conselhos e uma inteira confiança em sua proteção. Se tivéssemos um amigo poderoso, desembaraçado, fiel e zeloso de nossos interesses, deixaríamos de recorrer a ele em todos os nossos trabalhos, nem de consultá-lo em nossas dúvidas? Seus conselhos seriam leis para nós, impor-nos-íamos como uma obrigação de venerá-los e de segui-los, tendo nisso particular complacência. Trataríamo-lo porventura com menos confiança? Nosso Anjo da guarda é esse fiel amigo, que possui vantajosamente todas essas prendas; pois da mesma maneira nos devemos portar com ele. Sempre que sentimos algum movimento que nos inclina ao bem ou nos desvia do mal, é uma inspiração que nos procura, é um bom conselho que nos dá; e nós o desprezamos e o pospomos às sugestões do demônio, cujo

único fim é fazer-nos companheiros de seus tormentos, fazendo que o sejamos de sua sediciosa rebelião! Estando encarregado de nossa conduta, só respira desejos de nossa salvação; só está atento a que vençamos o inimigo dela e empenhado em que superemos os estorvos que nos saem ao encontro para consegui-la. Com que ardor, com que confiança, com que presteza devemos recorrer ao Anjo da guarda em todas as tentações, em todos os perigos, em todos os negócios importantes e dificultosos!

Meu Deus, que dor, que confusão é a minha quando considero o pouco caso que tenho feito até aqui de um protetor tão poderoso, de um amigo tão fiel e de um guia a quem devo infinitas obrigações! Quantas vezes lhe faltei ao respeito em sua presença! Que ingrato fui a todos os seus benefícios! Que pouco amor lhe tenho tido! E que pouca confiança me tem merecido sua assistência! Fazei, Senhor, que esta humilde confissão, junta a meu doloroso arrependimento, me consiga o perdão de minhas faltas, que vou reparar no restante de minha vida.

Jaculatórias

Nunca me esquecerei, Senhor, de cantar vossos louvores em presença do Anjo de minha guarda. (Sl 137.)

Bendito seja o Senhor, que se dignou dar-me um Anjo para que cuidasse de mim. (Dn 3.)

Propósitos

1. Não basta conhecer a ventura que temos em lograr um Anjo custódio destinado por Deus para velar sobre nós e para dirigir-nos. Não basta estar bem persuadidos das muitas obrigações que lhe devemos. É mister manifestar em nosso porte regular nosso respeito, nosso amor e nosso agradecimento. Deve crescer cada dia nossa devoção, ao passo que são maiores cada dia os benefícios de nosso condutor. Nenhum dia se te passe sem honrá-lo com algum obséquio particular, acabando todos os dias as devoções da manhã e da noite com esta oração ao Anjo da guarda:

> **Latim:** *Angele Dei, qui custos es mei, gratias ago tibi pro omnibus beneficiis mihi a te collatis. Me tibi commissum pietate superna, hodie et quotidie illumina, custodi, rege et guberna: et in hora mortis meæ ab hoste maligno me defende.*

Português: «Anjo de Deus, destinado à minha custódia, graças te dou por todos os benefícios que tenho recebido de tua mão. E pois a soberana piedade do Senhor se dignou pôr-me a teu cargo, alumia-me, guarda-me, dirige-me e governa-me neste dia e em todos os de minha vida, defendendo-me do maligno inimigo na hora da morte.»

Nunca deixes de confessar-te e comungar na festa do Anjo da guarda. Invoca-o continuamente em todas as tuas necessidades. Não empreendas coisa considerável sem implorar sua assistência; e quando fizeres viagem, dize ao começar tua jornada a oração que se reza hoje na missa.

2. Ainda que todos os dias devemos honrar a nosso santo Anjo e até invocá-lo muitas vezes cada dia, há um na semana consagrado particularmente a seu culto, e este é a terça-feira. Reverencia-o singularmente neste dia e não deixes de rezar-lhe nele a oração seguinte:

> **Latim:** *O fidelissime comes a Deo tutelæ meæ assignate; protector et defensor meus, nunquam recedens a latere meo; quas tibi gratias referam pro fide, amore, innumerisque in me collatis beneficiis? Tu dormienti advigilas, mœstum solaris, dejectum erigis, imminentia pericula avertis, futura doces cavere, a peccatis abstrahis, ad bonum impellis, lapsum ad pœnitentiam hortaris, Deoque concilias. Jam dudum fortassis in infernum detrusus fuissem, nisi tuis precibus divinam a me iram avertisses. Ne, precor, me unquam deseras. In adversis solare, in prosperis contine, in periculis tuere, in tentationibus adjuva, ut iis nunquam succumbam. Preces et gemitus meos, omniaque pia opera divino conspectui offer, atque effice, ut in gratia ex hac vita perveniam ad vitam æternam. Amen.*

Português: «Ó fidelíssimo companheiro e custódio meu, destinado pela divina Providência para minha guarda e tutela, protetor e defensor meu, que nunca te apartas de meu lado, que graças te darei eu pela fidelidade que te devo, pelo amor que me professas e pelos inumeráveis benefícios que cada instante estou recebendo de ti? Tu velas sobre mim quando eu durmo, tu me consolas quando estou triste, tu me alentas quando estou desmaiado, tu afastas de mim os perigos presentes, ensinas-me a precaver os futuros, desvias-me do mal, inclinas-me ao bem, exortas-me à penitência quando tenho caído e me reconcilias com Deus. Muito tempo há que estaria ardendo nos infernos se com teus rogos não tivesses detido a ira do Senhor; suplico-te que nunca me desampares. Consola-me nas coisas adversas, modera-me nas prósperas, livra-me nos perigos, ajuda-me nas tentações para não deixar-me vencer delas jamais. Apresenta aos olhos de Deus minhas orações, meus gemidos e todas as boas obras que eu fizer, conseguindo-me que desta vida seja trasladado em graça à vida eterna. Amém.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:11 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:12 by Admin